

# A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 3,500 rs. — Semestre 1,920 rs. —  
Trimestre 1,000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 8. — SABBADO, 23 DE FEVEREIRO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4,500 — Semestre 2,5100  
Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 3,5000 rs.

## ROMANCES.

### IR A ROMA E NÃO VER O PAPA.

(AVENTURAS DE UM CAÇADOR.)

#### CAPITULO VII

Da como o heroe d'esta historia se distinguio entre todos n'um combate naval.

—Aconteceu o que eu previra: — proseguiu o historiographo de si mesmo, começando enfim a captivar a attenção dos ouvintes. — Apenas puz pé a bordo cahí estonteado e maeado. Recolhi-me ao beliche, e deitei-me para não ficar voltado do avesso.

Ao cabo de duas horas, quando começava a sentir-me um pouco melhor, ouvi um rumor desusado no tombadilho, e logo depois um rufo prolongado de tambor.

Pensei que era o toque de signal para o almoço.

N'isto ia passando um marinheiro com um feiche de sabres:

—«Eh, lá! oiça — bradei-lhe eu mesmo do beliche, — Não me dirá que vem a ser este rufo que ouvi?»

—«Quer saber?» — tornou o marinheiro que era attencioso.

—«Quero.»

—«São os inglezes que estão á vista.»

—«Ah! são os inglezes? Isso é boa gente. Aos inglezes devo eu tres quartas partes do que me rendeu o meu concerto de hontem á noute em Nizza.»

—«Sim? — accudiu o marujo. — Então acautele-se que lh'a podem levar inteira hoje.»

E foi andando o seu caminho para a escada da escotilha.

Atraz do marinheiro, que levava o feiche de sabres, passou outro com um feiche de lanças!

Atraz do que levava o feiche de lanças, veio outro com um feiche de machados!

Occorreu-me então que havia por força cousa séria.

O ruído crescia no convez, e a minha inquietação com elle. Estava scismando n'estes incidentes nada risonhos, quando ouvi a voz do capitão gritar pela escotilha:

—«O meu cachimbo, Antonio!»

—«Lá vai, capitão, — respondeu outra voz.

Segundos depois, passou um pagem com o cachimbo. Como ia correndo, estendi a mão e agarrei-o pela aba da vestia: os poucos annos do rapasote authorisavam-me esta familiaridade.

—«Que ha de novo lá por cima?» — disse eu. — «Tracta-se de almoçar?»

—«Não está mau almoço,» — tornou-me o pagem. — «Ha tal que d'aqui a pouco tem de certo uma indigestão de chumbo e de ferro. Deixe-me ir, que está o capitão á espera do cachimbo.»

—«Se está á espera do cachimbo nunca o negocio é muito sério.»

—«Pelo contrario: o capitão não pede o cachimbo senão quando é cousa de levantar fervura...»

—«Levantar fervura, o que?»

—«O caldeiro que dá ração geral. Suba cá acima ao convez, e verá.»

Percebi que o melhor era seguir o conselho judicioso que me dava o rapaz; mas não se me tornava muito facil nem muito commodo pôr pé fóra do beliche com o balanço do navio. Em fim, fui-me segurando aos tabi-

ques interiores, e cheguei como pude á escada da meia laranja. D'ahi para cima tinha o corrimão. Deitei a cabeça pela escotilha empregando todas as precauções que a situação requeria, e vi o capitão fumando com toda a paz de espirito sentado n'um caixote tombado.

Respirei.

—«Salve-o Deus capitão,» — disse eu com o sorriso mais amavel que pude armar nos labios ainda convulsos.

—«Então temos novidade a bordo?»

—«Ah! é o sr. Louet!» — observou elle com indifferença.

O demonio do capitão sabia já o meu nome.

—«Sou eu em pessoa. Estive um pouco transtornado; mas agora vae isto melhor.

—«Já viu um combate naval, senhor Louet?»

—«Nada, não.»

—«E tem gosto de vêr?»

—«Eu!... eu... Digo-lhe francamente que antes queria vêr outra cousa.»

—«Pois é pena.»

—«Porque?»

—«Porque se tivesse gosto de vêr um combate naval... e um dos melhores!... não havia de esperar muito.»

—«Que me diz!» — exclamei desmaiando-me sem querer, por que bem sabem como este phenomeno é independente da vontade do homem. — «Que me diz! Pois nós... pois o senhor... pois eu tenho de me achar metido n'um combate naval! Está brincando capitão... O capitão tem pêtas!...»

—«Ah! pensa que estou brincando! Suba mais dous degraus, faça favor... Isso. — Chegue-se á amura... Segure-se agora a esse cabo da mesa da enxarcia... Está bem?»



Bombeamento e tomada de Kinbura.

— « Assim, assim. »  
 — « Olhe por bombordo. »  
 — « Estou olhando. »  
 — « Que vê lá ao largo, diga. »  
 — « Vejo tres navios guapos. »  
 — « Conte bem. »  
 — « Vejo quatro. »  
 — « Repare melhor. »  
 — « Cinco! seis! »  
 — « Seis só! »  
 — « Mais de seis não: vejo seis. »  
 — « Intende de bandeiras? »  
 — « Quasi nada. »  
 — « É o mesmo. Procure o pavilhão almirante do maior de todos, no tope do mastro grande: ha-de vel-o ahí como nós trazemos a nossa bandeira tricolor a ré... Achou? »

— « Achei. »  
 — « Que distingue no pavilhão? »  
 — « Não sou nada entendido em figuras heraldicas; mas parece-me que tem uma harpa. »  
 — « Justamente. É a harpa da Irlanda. D'aquí a dez minutos ouvirá como ella toca. Asseguro-lhe que val a pena o concerto. »

O capitão ainda tinha alma para me fazer esta allusão atroz.

— « Mas, capitão, meu caro capitão, » — disse-lhe eu afflicto, — « se os inglezes vem ainda longe, desdobrando todo esse pano que não faz nada ahí atado ás vergas, podíamos muito bem fugir-lhes. Eu no seu logar, capitão, fugia... Queira desculpar, é a minha opinião como rebeccação grande do theatro de Marselha, e quizera podel-o convencer de que não é a peor. Se fosse marítimo, talvez tivesse outra. »

— « Se em vez de ser um rebeccação, » — tornou-me o capitão — « fosse um homem que me dissesse isso, o caso não ficava assim. Saiba de uma vez: o capitão Garnier não tirou carta de côrso para fugir. A Inglaterra está em guerra com a França... »

— « Os senhores ham-de estar lembrados de eu lhes ter dicto que estas minhas aventuras se passavam em 1811, — observou o sr. Luiz Louet aos seus ouvintes, interrompendo a narração. »

— Perfeitamente, — accudiram aquelles.  
 — Então, — continuou o narrador, — de certo não julgam extraordinario este incidente, com que eu não contava, nem a linguagem do capitão, que insistiu n'estes termos:

— « A bandeira franceza está arvorada, o pavilhão inglez tambem. Encontram-se... »

— « Mas em numero desigual. »  
 — « Que importa o numero? Uma das duas insignias adversas desaparece por força. Mas a bandeira do meu navio, a desaparecer, ha-de ser para sempre. O capitão Garnier não se esconde. Peleja até ver o seu Brigue n'um érivo; depois, espera a abordagem, e quando tem o convez cheio de inglezes, desce ao paiol com o cachimbo acceso, chega-se a um barril de polvora, deita-lhe o cachimbro dentro, e atira com toda essa gente ás nuvens, para que vá ver com os seus olhos como Deus anda por cima das estrellas! »

— « Mas os francezes? »  
 — « Os francezes vam tambem: ensinam o caminho aos inglezes. »

— « E os passageiros? »  
 — « Os passageiros da mesma forma. »  
 — « Capi... capitão, nada de graças. São graças pesadas, essas! »

— « Senhor Luiz Louet, esteja certo de que não graçoje nunca depois de mandar tocar a postos! »

— « Meu rico sr. capitão... em nome do direito das gentes!... peço-lhe que me deite na costa... em qualquer praia, seja onde fór. Antes voltar a pé. A pé vim, a pé irei. »

— « Quer que lhe dê um conselho, sr. Louet? » — disse-me o capitão pondo o cachimbo de lado.

— « Venha. Um conselho nunca se despreza, quando é de pessoa prudente. »

Não se me deu de aproveitar a occasião para lhe applicar sempre esta lieçãozinha.

O capitão, insensível a tudo, proseguiu:  
 — « Sabe qual é o meu conselho? É que se vá deitar. Vem do beliche, não? Pois volte para elle. »

Vi que perdia o meu tempo e ponderei-lhe unicamente.  
 — « Uma palavra só, capitão, e não o importuno mais. »

— « Diga. »  
 — « Ha alguma esperança de salvação? Pergunta-lh'o um homem casado, com mulher e sete filhos de que é o unico amparo. »

O episodio da mulher e dos sete filhos era para vér se o abrandava. A verdade é que eu fui sempre solteiro.

O meu ardil fez effeito: o capitão pareceu um tanto sensibilizado.

— « Oíça, sr. Louet, » — disse elle. — « Eu bem vejo que a sua posição não pode ser nada agradável para quem não é do officio. Dir-lhe-hei por tanto que ha uma esperança. »

— « Que esperança, capitão, que esperança? » — gritei como se resucitasse. — « Se lhe posso servir para alguma cousa, disponha de mim. »

— « Vê aquella tarja negra ao su-sud-oeste? »  
 — « Perfeitamente. »

— « Por ora não dá idéa senão de uma rajada. »  
 — « De vento? »  
 — « Pois de que! »  
 — « Com as rajadas desarvora-se. »  
 — « Peça a Deus que a rajada se converta em tempestade. »

— « Que diz, capitão? Em tempestade! Com as tempestades naufraga-se. »

— « É o melhor que nos póde acontecer. »  
 O capitão tornou a pegar no cachimbo, e vi com satisfação que se tinha apagado n'este intervallo.

— « Antonio, Antonio! » — gritou — « Onde estás tu, Antonio? Não ouves, petinga do inferno! »

— « Lesto a virar, capitão » — accudiu o pagem deitando a cabeça pela escotilha.

— « Vai-me accender o cachimbo. Se não me engano muito, não tarda que principie a dança. »

N'isto, levantou-se uma nuvensinha branca de alcacha (todos estes nomes aprendi eu depois) da alcacha do navio que nos ficava mais perto, e sentiu-se assim como um ecco e um baque, como quando se dá uma pancada de zabumba no theatro. Vi então partir-se em estilhaços o bordo da amura do brigue, e um artilheiro que tinha subido á culatra de uma peça cafu encostando-se-me para cima d'um hombro.

— « Esteja quieto, » — disse-lhe eu. — « Não tem graça nenhuma essas brincadeiras. »

E como o homem não se me queria tirar das costas, empurrei-o.

O artilheiro foi ao chão. Reparei então para elle com mais attenção... Estava sem cabeça.

Fez-me tal ataque de nervos este expectaculo, que d'ahí a tres minutos achei-me no porão sem saber como.

Depois é que me disseram que me tinha distinguido por uma acção que ninguem a bordo havia imitado.  
 Valha a verdade!

Continúa. MENDES LEAL JUNIOR.

## JORGE.

ROMANCE CONTEMPORANEO.

Continuação.

## V

A pequena distancia da cidade do Rio de Janeiro, n'um dos seus mais pittorescos arrabaldes, o viajante encontra nma vivenda de recreio cujo gosto, e riqueza lhe prendem a attenção.

Situada n'uma pequena eminencia, e circundada pela vegetação prodigiosa que brota exptanica d'aquelle solo fertilissimo, a casa fóra simples e elegantemente construida. Um pequeno jardim avançava a frente principal, e nos canteiros irregulares ostentavam-se dobradas, e fragrantes as exquisitas flores da America.

A porta principal de madeira do brazil com aldravas de bronze, abrindo-se deixava ver a pequena, e elegante escada de caracol. Entrando nas sallas percebia-se logo no valor dos moveis, na disposição dos quadros entre os quaes havia alguns de excessivo valor, na colocação dos grandes e magnificos espelhos que decoravam as paredes, em tudo em fim que os seus moradores possuío o sentimento do mais apurado gosto.

Era ao cahir da tarde de um dia de fevereiro. Nuvens negras, e pejudas de electricidade, acastellavam-se no nascente, e no poente; o vento tinha completamente cessado, e a natureza estava submergida n'aquella especie de turpor que precede as grandes tempestades. Dentro de poucos minutos as nuvens chocando umas nas outras, dispararam do seio aquella rapida, electrica, e terrivel corrente de fogo, á qual succedia em breve o taciturno rebombar do trovão. Seguiram-se em breve uns aguaceiros fortes mas rapidos que dissiparam dentro de pouco a tormenta.

Era quasi noute; a briza que se levantára um pouco, varrera do firmamento o resto de nuvens, e d'ali a uma hora o ceu profundo da america brilhava illuminado pelo clarão melancolico da lua.

Se o leitor nos permite atravessemos as sallas da casa cuja descripção fizemos rapidamente, penetremos n'um dos quartos da habitação, e façamos ahí as nossas indagações com mais minuciosidade.

As janellas deste quarto deitavam para o mar, e estavam abertas. Sobre um sofá de veludo verde viam se uma mulher, e junto a esta um homem; ella com a cabeça inclinada na mão esquerda, e com a direita entre as mãos d'elle, olhava-o voluptuosa e apaixonadamente:

— Jorge, agora já não duvidas de mim, disse esta em hespanhol, e com a intonação chistosa do dialecto Andaluz.

— Não Thereza, já não duvido de ti; dizendo isto curvou-se um pouco, e imprimiu-lhe na fronte os labios ardentes.

Por certo que o leitor quer agora um esboço d'esta mulher e saber se este é o mesmo Jorge que vimos no principio d'esta instructiva historia.

É o que vamos fazer.  
 Theresa se a visse um esthetico allemão fazia um livro de *philosophia do bello* inspirado por ella.

A formosura d'esta mulher podia comparar-se ás com-

posições dos grandes maestros. Escutadas pela primeira vez desacordão horrivelmente; logo que o ouvido as comprehende, arrebatam-nos, despertando no coração sensações estranhas mas deliciosas, e as nossas almas exaltão-se maravilhadadas antes o poder do genio que nos revella o sublime.

Debaixo da aparente desharmonia das feições de Thereza, acontecia o mesmo, acontecia infinitamente mais, por que havia a distancia do genio do homem, ao genio da providencia.

O seu corpo não tinha a severidade classica das estatuas gregas, era talvez uma fortuna que a não tivesse; tendo-a, a chistosa, e provocante graça dos seus gestos, a gentileza da sua figura, desappareceria na acabada correção de contornos que constitue os grandes modellos d'arte, e aos quaes por isso mesmo falta a flexibilidade — o *desleixo* (perdoe-se a palavra) que vos encanta em certas e privilegiadas creaturas.

Sendo geralmente pallida, da perfeita pallidez do marmore, ás vezes affluia-lhe instantaneamente o sangue ás faces, e parecia então que toda a vida se lhe concentrava alli, tal era a prodigiosa irradiação de luz que brilhava n'ellas.

Havia momentos em que se confundia com a imagem de uma santa, tão casta, tão resignada era a expressão do seu semblante, outras em que fazia lembrar as virgens sacrificadas ao altar, tanta abnegação, tanta innocencia revellava o seu rosto; algumas e muitas vezes então suppor-se-ia ter diante dos olhos o demonio dos desejos encarnado na esplendida figura de uma mulher.

Thereza nascêra na Andaluzia; filha de uma familia illustre, sua mãe morrerá pouco depois d'ella ter vindo ao mundo. Seu pae, fidalgo de velha raça, e soldado valente tinha ganho no campo da batalha uma ellezada posição. Quasi no ultimo quartel da vida, Thereza distraia-o dos tedios, e amarguras da velhice. Todavia era tambem muitas vezes ella a cauza involuntaria de profundas, e penosas cogitações para o honrado general.

As diversas convulsões politicas pelas quaes estava continuamente passando o seu paiz, mal lhe asseguravam a elle o necessario para a vida. Por ventura depois da sua morte esqueceriam os serviços que havia por tantas vezes prestado á pátria, e sua filha não teria uma penção com que podesse viver desafogadamente? Quem sabe?! — Talvez que sim, e com esta ultima e desconsoladora reflexão o pobre velho cahia absorto em profunda tristeza.

Dentro de pouco Thereza estava tambem orphã de pae.

Dous annos depois recomendado pelo consul hespanhol no brazil apresentou-se em casa de D. Francisco de... um brasileiro riquissimo que vinha dar um passeio pela europa. Quinze dias depois da chegada do sr. ... D. Francisco foi ter com sua sobrinha, e disse-lhe: tenho que fallar contigo em particular, vae para o meu gabinete, que eu volto dentro de um instante.

Thereza foi, d'ali a pouco D. Francisco appareceu. O seu aspecto era sempre agradável, comtudo notava-se-lhe certa perturbação na physionomia:

— Senta-te aqui, ao pé de mim; depois agarrando com affecto as mãos d'ella apertou-as entre as suas. — Tu como sabes, não tens ninguem n'este mundo, senão a nós, que te queremos como se fosses nossa filha; mas que não podemos fazer a tua felicidade; ora dize, se te apparecesse um casamento conveniente, um homem honesto, que te tratasse com todo o desvello de que és merecedora, se esse homem estivesse loucamente apaixonado por ti, e o teu consentimento nos desse grande prazer á todos nós, o que farias tu?

Thereza còrou excessivamente, cravando sobresaltada, e interdita os olhos no chão.

— Vamos, davas o teu consentimento!

— Bem sabe que não tenho outra vontade que não seja a sua, consentia.

— Bem, bem minha querida filha, exclamou D. Francisco exultando de alegria. Agora adivinhas por certo de quem se tracta?

— Em meu tio!

— Tu, sim, já vez que não pode deixar de ser o nosso honrado hospede o sr.... Hontem chegou a mim, e fallou-me directamente n'isso...

Depois D. Francisco, hespanholado em tudo, e de conseguinte hespanhol na hyperbole, elevou aquelle casamento ás proporções phantasticas das *mil e uma noute*.

D'ali a um mez Thereza havia casado, e seu marido dispunha-se a fazer com ella uma viagem até Londres, e Paris antes de regressar para o *Rio-de-Janeiro*.

Hespanhola na indole, e na educação, Thereza longe d'aquelle ceu, e d'aquelle ar, apartada d'aquelles uzos, mesmo no meio da distracção do grande mundo, experimentava certa melancholia, que mais tarde depois de haver chegado ao Brasil, se converteu na doença que os francezes chamam *mal do paiz*, e que os medicos classificam com o nome de *nostalgia*.

Thereza não havia amado ainda: como todas as organizações delicadas, possuia o seu ideal, fallava horas com elle, escutava-lhe a voz argentina, sonora e bem accentuada, como deve de ser a voz de um homem, proferir-lhe magicos protestos de amor, porem tudo isto não passava dos dominios de phantasia, e durava apenas aquelles rapidos instantes em que o espirito sonha accordado.

A tantos de julho de 18... houve um baile no Rio de Janeiro. Eram 11 horas quando um personagem até ali desconhecido na sociedade se appresentou; fóra convidado

do por intervenção do ministro francez, e havia apenas dois dias que havia chegado áquella cidade. O desconhecido era Jorge. Tinham decorrido 5 annos desde o dia em que o vimos no meio da sua familia, n'aquella elegante casa de campo em Bemfica.

Conceda-nos o leitor que nos demoremos agora um pouco com este personagem, o principal da nossa historia, precisando mais os traços apenas mencionados do seu retrato, e contando rapidamente algumas das scenas que tiveram lugar desde a epocha em que nos separámos d'elle.

Jorge era alto, o seu corpo musculoso e esbelto tinha aquella ar distinctissima, que só o nascimento e a educação, e o trato da mais alta sociedade são capazes de dar. Os cabellos abundantes negros, finos e ligeiramente anelados, tornavam mais pronunciada a interessante palidez da phisionomia.

Os olhos escuros, e bem rasgados, tinham, quando a mais leve sensação os inflammava, aquella poder magestoso que fascina, e subjuga os outros. As sobrancelhas curvas e bem acentuadas, a testa espaçosa, e cortada de rugas profundas e significativas.

A boca pequena, e grave animava-se de um sorriso agradável. O bigode preto, e basto caía sem arte nem affectação; Jorge não apreciaria nunca os maravilhosos effeitos da pomada hungara: certo personagem, que nós e o leitor conhecemos havia de lastimar sincera e profundamente que o nosso heroe não estendesse o beneficio da goma arabica, aos cabellos assetinados do seu bigode, talvez que se elle visse o dito personagem, e suposto bigode trepando em caprichosas spiraes até ás maçãs das faces lúsidias invejasse o modelo, e procurasse ver se lhe tirava a copia.

Espirituoso sem pretensões, instruido sem pedantismo, Jorge contrastava singularmente com a maior parte dos nossos elegantes de botequim, cuja conversação guindada, e alambicada faz a delicia de algumas preciosas em formato 32.

Agora duas palavras sobre as circumstancias que ocorreram durante os 5 annos em que deixámos de o ver. Chegando a França no fim de poucos mezes tinha gastado uma fortuna que poderia fazer qualquer independente. Recommendado para as principaes familias do Faubourg de S. Germano, mais de uma daquellas mimosas, e perfumadas flores da velha aristocracia tinha fitado com interesse os olhos na distincta phisionomia do joven peninsular. Jorge admirava, desejava, porem não amava ninguém; era talvez por isso que as conquistas lhe vinham tão faceis.

Imaginação ardente, devorava os prazeres quasi antes de os haver experimentado, e depois como reacção natural accommettia-o aquelle profundo desalento, que segue sempre de perto o enthusiasmo.

*Bella bianca vestita*, a virgem ideal dos seus sonhos, apparecia-lhe sempre. Viria a realizar-se essa ficção na terra? Mais tarde o rosto angelico de Carlota completaria para o mancebo esta mysteriosa creação do espirito? Quem sabe?!

Por agora aquella branda chamma que nos illumina suavemente a alma, que nos faz ver por momentos a existencia colorida dos magicos reflexos do paraizo; aquelle intimo e profundo affecto que se apodera do coração, e nol-o enche de ventura, o primeiro, e derradeiro amor emfim da existencia, não o sentira por ninguém ainda.

No fim de 3 annos de estada em París tinha arruinado quasi toda a sua fortuna.

Seu tio morrera, e Carlota vivia em casa de Fernando que por esse tempo havia já esposado Julia.

As loucuras de Jorge redobravam. Uma alma caritativa em Lisboa tinha a amavel condescendencia de lhe arcajar dinheiro a 30 por cento com hypotheca segura.

Um anno antes da sua partida para o Brazil Jorge escrevera ao homem que lhe servia de agente em Portugal, dizendo-lhe que apurasse em dinheiro o resto dos seus haveres, conservando apenas aquella casa de campo, onde fora criado, e onde recebera o ultimo suspiro dos labios maternos.

Agora deixemos por instantes suspensa a curiosidade a respeito das circumstancias que levaram Jorge ao Rio de Janeiro, e passemos a narrar o principio das suas relações com Thereza.

Como dissemos acabavam de dar 11 horas quando Jorge se apresentou no baile. O mundo elegante estava todo reunido, e os olhos dos circumstantes volveram-se curiosos para o pessoa do nosso heroe.

Thereza estava ali. Jorge correu os olhos pela sala, e demorou-os alguns instantes na phisionomia da joven andaluza.

Passada a primeira contrança o ministro francez chegou a elle, e disse:

—Quero ter o gosto de o apresentar á mais interessante pessoa que tem visto em sua vida; venha comigo.

Jorge foi, e o diplomata como é de suppór fez a apresentação nas formas da mais severa etiqueta.

O mancebo admirara tanto a extranha formosura d'aquella mulher, como a delicadeza da sua educação, e os dotes eminentes do seu espirito.

Thereza vendo a expressão d'aquelle rosto cuja infinita mobilidade traduzia a violencia de affectos que lhe tumultuavam a alma; escutando a accentuação das suas palavras, sem o querer, achava-se intimamente subjugada por elle.

O seu imperio de rainha sentia-o enfraquecer na presença d'aquelle homem singular; e a timidez substituiria a expressão activa que de ordinario radiava no seu rosto.

A orchestra preludiou o ritornello de uma walsa, Jorge perguntou a Thereza se estava resolvida a dançar; esta respondeu-lhe que sim. Então os braços musculosos do mancebo cingiram o corpo flexivel da andaluza, e ambos correram ao som da cadencia vertiginosa.

Quando a walsa terminou, ella deixou-se cair abatida sobre uma cadeira, e erguendo os olhos languidos fitou-os nos do mancebo que se haviam cravado nos seus.

No fim da noute Thereza disse-lhe:

—Fico em casa amanhã, e espero que me dê o gosto de apparecer.

Jorge agradeceu-lhe.

—Então não falta, não?

*Este não falta*, foi dito em tom bemol, que sendo meio ponto mais abaixo, é exactamente aquelle que proferido por uma mulher nos fica mais impresso no ouvido.

Jorge apresentou-se com effeito; as visitas continuaram, e no fim de 15 dias as relações estavam no ponto em que nós as deixámos no principio d'este capitulo.

Como dissemos ambos estavam sentados sobre o sofá, n'aquella elegante aposento onde a luz *temperada para amantes*, e o embalsamado aroma que penetrava como a brisa pelas janelas, derramavam nos sentidos torrentes de languidez.

—Não duvido de ti, continuou o mancebo secundando um beijo, não na fronte d'esta vez, mas sim nos labios vermelhos da espanhola.

—Creio, por quanto ha santo te juro, — creio do mais fundo da minha alma no teu amor. O que não quero é ver-te assim; por que choras tu? que tens? estás tão pallida!...

—Não tenho nada... é que me lembro...

—De que, dize...

—Que dentro em pouco me vais deixar, e sabe Deus se para sempre!

Duas lagrimas mal contidas saltaram dos seus olhos, e rolando pelas faces vieram cahir sobre as mãos de Jorge.

—Não penses agora em tal; quem sabe ainda quando será, e depois bem sabes que a ausencia não pôde ser longa.

—Promettes?—disse esta apertando com extremo as mãos do mancebo.

—Prometto.

—Olha, continuou Thereza correndo os dedos alvos, e afilados pelo cabelo ondeado e negro de Jorge; deveres, considerações tudo me fizeste esquecer, tudo isso é nada para mim... tenho medido a intensidade do sacrificio... estou prompta a elle, e toda a minha felicidade resumir-se-hia na certeza do teu amor.

—E não a tens, podes duvidar d'ella um instante?

Houve alguns momentos de silencio, depois a hespanhola olhou fitamente para elle, e com um gesto gracioso pondo-lhe a palma da mão delicada na boca.

—Calla-te, não me enganes, não te quero obrigar a mentir...

As lagrimas mal contidas embargaram-lhe a voz. Jorge apertou-a ao coração, e quiz debalde destruir as suas amargas apreensões.

Quaesquer olhos affeitos a sondar os reconditos segredos do coração humano reconheceriam neste o homem que experimenta por momentos a febre violenta dos desejos, e que depois de saciada a sede lhe não fica mais nada na alma do que a piedade e o arrependimento.

Pobre Thereza! Com aquelle tacto feminino que Deus concede ás mulheres, a infeliz sentia isto, e se ao pé do amante jurava que havel-o conhecido tinha sido a felicidade para ella, era talvez para illudir a voz da consciencia que intimamente lhe assegurava um longo futuro de atribulações.

Dentro de pouco, Jorge levantou-se e partiu; chegando á cidade dirigiu-se para o seu hotel, onde o esperava um novo personagem com o qual vamos fazer conhecimento agora.

Continúa

BULHÃO PATO.

## VIAGENS.

### ILHAS DOS AÇORES.

*BESKRIFNING PÅ FAYAL OCH DE ÖFRIGA AZORISKA ÖARNE*, é o titulo d'uma brochura, impressa em Stockholm e escripta em sueco pelo official de marinha João Gustavo Hebbe. Merece que se dê em vulgar o que o escriptor viajante publicou, sem grandes inexactidões, de um archipelago portuguez, pouco conhecido de nacionaes e estrangeiros.

As incorrecções, que o trabalho sueco tem, são faceis de remediar pela attenção do leitor portuguez, dispensando aqui o enfado de notas multiplicadas. Na sua descripção das ilhas dos Açores refere-se Hebbe a um tempo anterior ao actual regimen politico, e por isso não admira que se occupe de cousas, instituições e costumes, que as reformas liberaes, destruíram ou innovaram.

Ouçamos o nosso viajante.

J. T.

As ilhas dos Açores, chamadas tambem ilhas Terceiras, são em numero de nove, a saber: Corvo, Flores,

Fayal, Pico, San-Jorge, Graciosa, Terceira, San-Miguel e Santa-Maria. Seu nome deriva da palavra portugueza *açor*.

Situadas no oceano Athlantico, a consideravel distancia dos continentes, tem embaraçado os geographos que entre si variam, a respeito da parte do mundo a que a localidade d'ellas deve pertencer. Alguns dão-as á America, outros á Europa, e outros emfim á Africa. Como porem são menos alguma cousa distantes da Europa, que da America septentrional, parece mais natural contal-as entre as ilhas europeas.

Sua posição geographica não foi ainda determinada com rigorosa precisão; entretanto pelas melhores observações correm entre 36° 50' e 39° 45' de latitude norte; e de 27° 30' a 34° de longitude oeste de Paris. Aspecto, forma, natureza do solo, tudo emfim denuncia sua origem volcanica. São n'ellas frequentes os tremores de terra. Os marítimos não podem na proximidade d'ellas navegar senão com muita precaução, porque, se pela sua elevação sobre o mar, podem ser vistas de mui longe, como sejam no inverno involtas em nuvens e vapores espessos, succede frequentemente, que se não vêem senão a mui pequena distancia. Alguns auctores pretendem que á excepção das Formigas (ilhotes, ou baixos ao sueste do grupo) o mar que as cerca é limpo de escolhos; mas testemunhos dignos de fé, me persuadem que nenhum capitão, zeloso da sua equipagem e das mercadorias que lhe confiaram, caminhará na visinhança dos Açores senão com grande circumspecção. Sua origem volcanica deve mesmo fazer temer que n'estas paragens, não brotem d'improviso novos escolhos. Em 31 de dezembro 1719 entre Pico (aliás Terceira) e San-Miguel, se elevou no mar um volcão, que de novo desapareceu em 17 de novembro 1723, e ainda hoje se acha no logar que occupou profundidade de oitenta braças. Factos semelhantes, occorridos recentemente, provam que a cada instante podem renovar-se. (V. *Memoires de l'Academie des Sciences de Paris*, 1721, 1722-1726 (hist. p. 81) — *Philos. transact.* Abridged, t. 6, part. 2, p. 203 — *Raspe, Specimen*, Hist. Nat. Globi Terraquei, Amst. 1763, p. 115.)

Dizem que nas montanhas dos Açores se encontram petrificações notaveis.

O clima dos Açores é mui saudavel, e d'alguma sorte mais doce, que o das costas europeas situadas na mesma latitude: os rigores do inverno lhes são desconhecidos: só gela no Corvo, e no cimo das mais altas montanhas das outras ilhas. Tempestades, chuvas, borrascas, caracterisam o inverno: o vento, por causa da pouca extensão de cada uma das ilhas, lhes tempera os calores do verão, e conserva toda a frescura do ar do mar. A temperatura da primavera, do outomno, e de parte do verão é deliciosa.

Os Açores foram descobertos em 1439 por flamengos, que a tempestade ali arrojou. (*Errou o anno e os descobridores.*) Diversas familias d'esta nação se estabeleceram então no Fayal, pelo que ainda ali uma freguezia tem o nome de Flamengos. Em 1442 (1452 *quereria dizer*) descobriram os portuguezes a ilha de Santa-Maria, que é a mais oriental do grupo; depois San-Miguel, e Terceira. Em 1447 Gonçalo Velho Cabral se estabeleceu na Terceira, (é novidade historica) e fundou a villa d'Angra.

As ilhas de San-Jorge, Graciosa, Pico, Fayal e emfim Flores e Corvo, as mais occidentaes, foram descobertas e povoadas successivamente. Flores, recebeu nome da sua prodigiosa quantidade d'ellas; a outra, da quantidade de corvos, que n'ella acharam. Já n'outro tempo chamaram algumas vezes aos Açores, ilhas Flamengas, derivando este nome da sua primeira descoberta (?): os inglezes as denominam communmente nas suas cartas e livros de geographia *Western-Islands* (ilhas-d'oeste) o que muito embaraça os traductores ignorantes. A doçura do clima facilita a cultura, que por outro lado se torna penivel n'algumas partes, pela aspereza e desigualdade do terreno. Em geral são bem cultivadas, e colheitas abundantes recompensam o trabalho dos habitantes. Todos os fructos, legumes, e hortaliças da Europa central e meridional, produzem ali bem, e adquirem perfeito sabor; colhem-se lá alguns vegetaes d'Africa, como inhames, etc. Out'ora plantaram cannas d'assucar: e hoje têm bananeiras nos jardins. Exceptuando metaes, e a sufficiente quantidade de madeiras de construcção, ha n'estas ilhas todas as commodidades da vida. Mandam á metropole muito trigo, e fructas: exportam vinho não só para Portugal, mas para muitos paizes do antigo e novo mundo.

Têm quadrupedes e aves domesticas, importadas a principio da Europa. Asseguram, que não têm animal nocivo, o que é ventura commum a outras ilhas. O mar dá grande variedade de peixes: pessoas que n'este archipelago têm vivido trinta annos me certificaram, que muitas vezes se encontram peixes d'especies desconhecidas. Mas a despeito d'esta abundancia os dias d'abstinencia, prescriptos pela religião catholica, encarecem o preço do peixe, principalmente no inverno, quando o mau tempo torna a pesca difficil; de sorte que o bacalhau salgado, que os habitantes dos Estados-Unidos, e da Nova-Escosia, lhes levam, vende-se com vantagem, e mesmo mais caro, que o peixe fresco. As tartarugas da pequena especie são mui communs, e se vendem ordinariamente a pataca cada uma.

Anteriormente não só os habitantes de Nantuckèt, mas os proprios açorianos, fazião nas paragens visinhas a pesca da baleia. Ali o cetaceo mais abundante é o tubarão,

Os Açores eram mui bem situados para as expedições d'esta pesca nas mais distantes paragens, como Brazil, estreito de Magalhães, Chili, etc., se lhes não faltasse um bom porto, para navios de mais de cem toneladas: d'aqui vem aos armamentos dos navios, e ao commercio d'estas ilhas, grandes obstáculos. Talvez fôra possível com pouco trabalho e despeza abrir portos, e ancoradouros, mas a florescência do commercio até ao ponto de compensar estes gastos é incerta. (Os factos destroem hoje estas apprehensões.) Estes portos e ancoradouros seriam de utilidade para os navios, forçados a arribar a estas ilhas, já para fabricar, já para avitualhar. O maior obstáculo que se oppõe a estabelecimentos d'este genero, é a extraordinaria força das vagas, que na occasião de tempestades se debatem contra as ilhas. Dizer Lintschöten, que as ondas attingem o alto das montanhas, e lá mesmo depositam peixes, é exaggeração. As marés não são mui fortes: o mar não sóbe senão quatro pés.

Sua população é de perto de cento e dez mil habitantes. (Hoje quasi o duplo.) Sendo desconhecida a sua superficie quadrada, é impossivel determinar a relação em que estão entre si população e extensão. Relativamente á grandeza d'estas ilhas, e á extensão do solo susceptível de cultura, a classe cultivadora é numerosa; mas a falta de fabricas, de manufacturas e de industria em geral, lhes restringe a população. Todos quantos homens se não empregam na agricultura, ou não entram no tão numeroso estado ecclesiastico, procuram subsistencia na navegação, particularmente na mãe patria e no Brasil. As mulheres são mui fecundas, e casam cedo: casamento esteril é uma raridade. Dizem que nascem mais femeas do que machos; mas esta asserção carece de ser confirmada por documentos authenticos.

Examinando com attenção os açorianos na sua phisionomia se descobre a mistura de seus predecessores. A influencia do clima deu-lhes á pelle, aos olhos, e aos cabellos, uma cor mais carregada. Os homens são altos, bem feitos, robustos, e de agradável exterior, sem a sombria taciturnidade dos habitantes da Madeira. As mulheres são pequenas, e folgasas: a maior parte faz-se agradável pela vivacidade dos olhos, e doçura da linguagem: algumas podem realmente passar por bellas: as de certa ordem têm a pelle mais branca, que as outras.

Estas ilhas, todas ferteis, todas habitadas por uma raça de homens activos e industriosos, estão sob as ordens d'um governador e capitão general, que reside em Angra. (Era no antigo regimen.) A diocese do bispo desta cidade, comprehende todos os Açores. A cathedral tem doze conegos pagos a trigo, tresentos moios, cada um dos quaes vale, ao menos, dezeseis mil réis. Cada ilha é governada por um capitão-mor, chefe da policia, (?) da milicia, e da fazenda (?) Um juiz administra justiça em cada ilha: de suas sentenças ha recurso para a junta criminal da Terceira, e desta para o tribunal supremo em Lisboa. Como no mundo mui raramente o bem está isemto do mal, dizem que os açorianos, tão activos e bons por um lado, são de humor bulhento, e trazem sempre demanda em aberto.

Muitos navegantes olham os Açores como um esconderijo de corsarios: esta opinião é porém injusta, pelo que a seus pacificos habitantes respeita. É verdade, que se encontram (encontravam em tempos remotos) frequentemente corsarios nas visinhanças destas ilhas, mas são d'outras nações, e raras vezes conduzem aqui as presas. Nunca ouvi dizer, que armassem um só navio para corso, e os pescadores não sahem a piratear.

As communicações entre as ilhas e a Europa, maximè em tempo de guerra, são mui irregulares e incertas. Nem mesmo os mais importantes negocios puderam, á falta de correio regular, durante a ultima guerra (a com Napoleão I) ser convenientemente tratados. Tambem não ha correio fixo entre ellas, mas isso é d'alguma forma remediado pelas muitas embarcações mercantes, que andam incessantemente d'umas para outras ilhas.

Dêmos agora a descripção das ilhas em particular, começando pelas duas que estão mais a leste.

*Santa Maria*, a mais meridional, é pequena e de pouca importancia, mas fertil e de grande produção de trigo. Tem cinco mil habitantes, que fabricam toda a sorte de olaria grosseira, que levam ás outras ilhas.

*San-Miguel* tem dezoito a vinte leguas maritimas de comprido. É na largura desigual, nunca de mais de cin-

co leguas, e n'algumas partes duas. Vinte cinco mil almas (aliás perto de cem mil) a povoam. É bella, rica em trigos, e toda a casta de produções, que exporta não só para as outras ilhas dos Açores, mas até para Portugal. Não produz vinho (em grande quantidade): suas quintas dão grande producto de laranjas, de que se fazem consideraveis carregações para Hamburgo, Revel, San-Petersbourg, America-septentrional, e sobre tudo Londres. Cultivam muito trigo e linho; fabricam muitas teias, de que annualmente mandam muitas carregações para o Brasil. San-Miguel intrem grande commercio com a metropole, o que dá fretes vantajosos aos navios inglezes,

co importante; com suas produções contribue ás ilhas de maior importancia: trigo é seu principal commercio. Fabrica algum vinho mediocre: para dar uma pipa d'aguardente são precisas cinco ou seis pipas delle. Tem trez (?) mil habitantes.

Continúa.

#### NARRATIVAS, LENDAS, SUPERSTIÇÕES E CRENÇAS POPULARES.

##### INTRODUÇÃO.

Ha certo genero de livros cuja leitura parece destinada a ser feita n'essas estiradas noites de inverno, em que o frio e a geada nos convidam a buscar o conchêgo domestico, assentados, com expansiva e intima familiaridade, em circulo apertado, ao calor de um bom brazido. Alexandre Dumas escreveu um destes livros, a que poz o titulo de *Mil e um fantasmas*.

O titulo deste livro inculca, á primeira vista, um supremo esforço do genio lugubre e fantastico de Anna Radcliff, capaz de pôr os cabellos em pé a quatro velhas de lareira e fazer tranzir de pavor as creanças mais affeitas a contos de bruxas e duendes.

E todavia não é assim.

Antes de correr essas primeiras paginas, uma certa preocupação, aquella preocupação mysteriosa que suscita tudo que tenha relação com os que já não são deste mundo, nos obscurece o animo de nuvens pesadas e melancolicas, atravez das quaes julgamos ver espectros sinistros, revoando-lhes em torno todo esse cortejo de espiritos máus, gnomos, vampiros, larvas, brucolacos, abejões, ogres e trasgos, de que a fantasia dos povos christãos povoa os seus cryptos e cemiterios; mas folheado o primeiro capitulo, a imaginação começa a desanuviar-se destas idéas pavorosas e a curiosidade a seguir, a prender-se, a indentificar-se com as scenas que o engenhoso romancista nos põe diante dos olhos, tão palpantes de vida e sentimento pelo effeito prestigioso da singelesa e naturalidade de seu estylo narrativo.

O assumpto desta obra abrange effectivamente uma parte das crenças supersticiosas, legadas pela tradição á credulidade popular. É uma serie de contos que Alexandre Dumas colheu em o norte da França, na Allemanha e parte da Italia, sem duvida n'uma dessas suas viagens de fantasia, que elle apprehende com tanta facilidade, em que, com o alhum de um turista observador na mão e sobre as azas da sua imaginação creadora, vóa por toda a parte, assistindo em espirito a todos os dramas da paixão humana, aos grandes espectaculos da sociedade exterior, ás mais sublimes perspectivas da natureza animada. Apparições, fantasmas, emprazamentos, dramas em que o amor e a morte se debatem como inimigos implacaveis além da campa, esconjuros, promessas affectuosas por toda a vida e ainda confirmadas do fundo do sepulchro, eis o assumpto d'este quadro.

As scenas que n'elle se agrupam são tristes e luctuosas; mas tal é a propriedade e esmalte de cores que emprega o pintor para as desenhar e collorir, tão rapido e natural lhe corre o pincel, imprimindo vulto e alma ás figuras que destacam da tella, que os olhos as seguem a eito com a soffreguidão de uma curiosidade anciosa.

Mas não são unicamente os dotes descriptivos do fecundo romancista que fazem appetecivel a leitura dos *Mil e um fantasmas*. Esta obra lê-se e relê-se, e sempre



Vista de uma fazenda na Ilha de S. Miguel



Ilha das Flores. — Valle das Cascatas.

e dinamarquezes. Tem-se algumas vezes visto mais de vinte navios dinamarquezes (foi) ancorados na bahia de Ponta-delgada, perigosa a ventos do sul e sudoeste, que mal começam a soprar obrigam os navios a dar á vela. A bahia de Villa-franca, situada mais a leste, é mais abrigada, por um ilheu que demora perto de terra. San-Miguel tem sitios encantadores, planicies cobertas de toda a especie d'arvores: valles e collinas succedem-se sem cessar. Independentemente do seu clima feliz, offerece aos valedudinarios banhos quentes e frios: os europeus visitam-na frequentemente. Entretanto a natureza tão prodiga de favores para este cantinho do globo, lhe faz algumas vezes experimentar os rigores de terriveis tremores de ter-

com alvoroço, e sempre com interesse, pela mesma razão de sympathy que obriga a mariposa a procurar a luz que a consome, o espirito timorato a olhar instinctivamente para o logar que lhe infunde terror, e a alma tribulada pela saudade a achar prazer em folhear na memoria os motivos da sua angustia. Na historia de espectros e duendes ha sempre uma attracção, um poder symphatico que arrasta a curiosidade, ainda do homem esclarecido. E a razão é porque estas idéas supersticiosas não estão no livro, não são criações fantasticas do poeta, estão no animo do leitor, esvoaçam por toda a atmospherá que elle respira, existem nas imagens e crenças que o rodeam logo no berço, residem nos habitos, no pensar, na credulidade do paiz que o viu nascer. O escriptor neste caso copia mais do que inventa; serve-se antes da memoria do que da imaginação.

E mesmo esses matizes de estylo que pela sua propriedade, que pela sua combinação e sobriedade de tons, dão a verdadeira cor, aquella cor de indizível melancolia, aos quadros da obra de Dumas, tudo isso nasce espontaneo e natural da essencia do mesmo assumpto. O romancista não faz mais do que expor esses quadros em ordem, inundal-os de uma luz pallida e serena, e local-os do seu pincel delicado para dar mais vulto a um ou outro personagem, procurando-lhes o effeito na harmonia das linhas e razão dos contrastes.

Nestas lendas e tradições ha a mais sublime de todas as poesias, que é a poesia da crença, que é a poesia do culto da imaginação popular aos seculos que passaram e aos mysterios que ficam. Pela mesma razão que os gregos acreditavam em Jupiter e Juno como o symbolo do consorcio mysterioso dos mares, que Neptuno e Eólo levantavam as aguas em medonhos escarcéus, que Venus saía das ondas, descarga e reservatorio da electricidade, que os rios e fontes tinham nereidas, os montes oreades e os bosques driades e satyros, da mesma sorte os povos slavos acreditam nas valkires e vampiros, e os povos peninsulares em mouras encantadas e estrias, em trasgos, larvas e maleficios. N'uns e outros ha a credulidade popular vestindo das fórmas fantasticas certos phenomenos da natureza animada, ou as impressões moraes creadas pela superstição e transmittidas pelas idades. As lendas mythologicas, as ficções runicas e caledonias, as sagas do Norte, e as eddas scandinavas resumem essas crenças reduzidas a symbolos religiosos. É a diversa maneira de ver, sentir e interpretar, segundo o genio das differentes raças. O caracter destas fabulas dá a medida dos dotes do seu espirito, e exprime uma das suas mais notaveis feições moraes. Os gregos, imaginosos e brilhantes, como o bello céu que os inspirava, conceberam por meio daquelles debeis simulacros da vida a materia em acção, explicando por symbolos conhecidos muitos dos arcanos da creação. Os povos celtas, rodeados de uma natureza melancolica e taciturna, embrenhados nas florestas e bosques, mas por isso mais concentrados no pensar e sentir, exprimem na religião de seus bardos as suas paixões, presentimentos e desventuras. O vento gemendo pelo dorso da montanha, é Fingal, que pranteia a morte de seus

filhos: as nuvens que passam varridas pelo nordeste gelado, são os espiritos dos guerreiros de Morven, que não podem achar o descanso eterno da sepultura: a mesma lua que, velada pelos vapores da serra, surge pallida e como angustiosa, é Mélina, a formosa esposa de Dargo, a quem o véu da melancolia e da viuvez envolve a fronte de dor e saudade. Sempre a mesma physionomia apaixonada e saudosa em todas estas tradições, como a sorte deste povo guerreiro e desventurado.

Os povos do Meio-dia e da peninsula não são menos graves e taciturnos nas suas ficções supersticiosas, mas o espirito christão bafejou-as de uma doce e religiosa melancolia. Não as consagrou, como o polytheismo e o bardismo, entre o numero de suas divindades, mas inspirando-as da fé e da esperanza, as castas musas do christianismo, deu-lhes um culto na credulidade, na imaginação popular. E tão verdadeiro é esse culto, tão intimo, tão seu que ahi se tem conservado em despeito do movimento progressivo das idéas e da diffusão dos conhecimentos pelas camadas mais incultas e credulas da sociedade. E a razão é por que a credulidade e a superstição são as duas feições indestructiveis no caracter popular em todos os paizes. E sobretudo por que o povo, entregue a si mesmo, é sempre o depositario mais fiel de todos os legados tradiçoes. O povo ama por costume essas velhas tradições, essas antigas usanças, contos e lendas em que vê como escripta e animada a historia do sentir e viver de seus passados. É como uma herança moral com que elle se identifica, perpetuando-a. O povo têm por essencia a fé e o culto das memorias do que passou. Tudo é disposto na sua indole para manter por largo tempo, intacta e solemne, a originalidade local dos costumes e crenças, principalmente quando essa originalidade deriva de uma nacionalidade primitiva e distincta. E poucas raças conservam, como a nossa, este amor, esta força de dedicação ao passado e um respeito profundo, e quasi que religioso, pelas idéas e factos transmittidos pelos seculos. O paiz de Galles e a Bretanha franceza são ricos d'esta poesia popular: a propria Allemanha ainda guarda inteiras as ficções sombrias dos seus primitivos habitantes. Mas a peninsula ganha a todos no genio inventivo de suas lendas, na ingenuidade de suas crenças supersticiosas, no perfume de poesia que aromatiza todas as fabulas, narrativas, illusões e lendas da especie de mythologia do nosso povo, e sobretudo na persistencia com que conserva todas estas feições moraes do seu caracter nacional.

Mas não se julgue que é nas côrtes e nas cidades que se encontra esta poesia: ahi a physionomia nacional está desbotada e contrafeita pelo tracto e contacto incessante e mutuo das idéas, uzos e costumes de uma sociedade estranha e sempre fluctuante. Caminhae pelo interior da nossa bella terra, e entranhae-vos pelo coração das provincias; visitae os logarejos, entrae nas aldeolas, praticae com os pobres camponezes e aldeões, e serão elles que vos apparelhem as côres com que possaes tirar do natural a grave e solemne figura do velho Portugal. Conhecereis e ouvireis então os nossos contos e lendas que equivalem

e excedem os tediosos e sensuaes enredos mythologicos: conhecereis então que temos poesia nacional, que temos a formosa moura encantada, penteando no adarve derrocado os lindos cabellos de ouro com o seu pente de marfim, juncto da qual a superstição popular imagina ramo de peste represado em talha de metal precioso, sotterrada na torre do emir, que os seculos derruíram. Vereis que temos o castello encantado, a cisterna mysteriosa, povoada de echos sinistros, origem de historias, xaracas e salões em que um castellão tyranno é sempre levado em corpo e alma para as profundas do inferno por um espectro vingativo: vereis o cemiterio na lombada da serra, onde lá pela calada da noute se vêem alvejar os espectros e revoar em turbilhão horrendo os psyllos, os aspioles, os brucholacos, as estrias e vampiros: vereis que temos mil hediondas feiticeiras, mais sordidas e esquallidas que as de Schiller e Shakspeare, que em sitio ermo, no mais escuro e fundo da floresta, se congregam no seu sabbato, traçando enredados e mysteriosos circulos, do centro dos quaes surge Satanaz sob a figura de cão negro, chispando-lhe os olhos como brazas: vereis que temos os lobishomens que a deshoras se vão espójar no lameiro da encruzilhada, correndo o seu fadario pelas ruas sóas, arrancando uivos de pavor á matilha de rafeiros que os segue espavorida: vereis que temos cardumes de bruxas, lampejando sobre os fetidos e verdenegros brejos como perilampos em noute estiva, dando estallidos semelhantes a gargalhadas esganicadas, com que desvaíram e emlabiryntham o caminhante pela devesa na charneca: vereis que temos tambem formosas fadas com a sua vara com o condão que *Deus lhe deu*, apparecendo ao pôr do sol sobre o panno derrocado da muralha mourisca: vereis que temos os cryptos das gothicas cathedraes onde o vento, gemendo de encontro ás arcarias subterraneas, imita os prantos lugubres das almas finadas: vereis que temos a aventesma percorrendo os arredores da freguezia da aldeia, na estirada e borrascosa noute de hinverno e fazendo medo a todos os bons camponezes supersticiosos: vereis que temos o trasgo saltinhando de entre as estevas do vallado, juncto do eremiterio, correndo após a timorata aldeã: vereis que temos os maleficios, os energumenos, sortilegios e máus-olhados, a *mulher de virtude* lendo sinas, deitando cartas, fazendo a sorte da peneira, da agua, do galo preto, do focinho do cão, salgando a porta, acendendo a mão do finado, e, desgrehada, com os olhos faiscantes e a boca lufando espuma de inspiração diabolica, prophetisando destinos, entre alaridos e esconjuros: vereis que temos os agouros como o da mariposa negra, do bisouro, do encontro do saimento, do cão a uivar com os olhos na lua, da gallinha cacarejando como o gallo: vereis emfim que temos infinitas e poeticas crenças primitivas, lendas e narrativas, usanças e costumes festivaes, uns originariamente nossos, outros que nos deixaram os povos invasores, como as janeiras e maias, festividades gentilicas; os folguedos de S. João, com os seus descantes e folias, fogueiras e sortes, bochechos e palmitos, legados pelos filhos de Agar; as festas da Paschoa, com o seu pão por Deus, os brindes do Natal, com a sua missa do gallo, bolos de festa e



Modas.

outros ingenuos e poeticos uzos quasi deorigem patriarchal, que nos transmittiram os hebreus.

Eis em rapido bosquejo os principaes symbolos e mythos da nossa verdadeira poesia popular. Não é uma poesia hierarchica, sacerdotil e voluptuosa, como a dos gregos e romanos; aerea e contemplativa, triste de presagios e previsões, como a das lendas scandinavas; é uma poesia que liga estreitamente a existencia social do nosso povo com a sua physionomia moral; risonha e imaginosa como a das ficções hellenicis, e ao mesmo tempo grave e meditativa como os cantos dos bardos gaulezes, povoada de idealidades inspiradas pelo estro inventivo do genio arabe, mas perfumada pela suavidade da melancholia christã; que reproduz o nosso viver, que dá sentimento, feição e caracter a muitos dos nossos uzos; que folga risonha nas choréas e festividades campestres; que entra nos cemiterios e quebra os segredos da campa; que prevê um mundo de esperanças e gozos ineffaveis, alumia-dos por todo o fogo da fé, além d'esta existencia terrena e ephemera; que medita e se perde pelas nuvens do passado em frente das ruinas seculares; e que cerca a alma apaixonada de todo esse olympo de potestades populares, onde o amor infortunado acha sempre uma promessa vaga de felicidade.

E todavia, esta poesia tem sido despresada pelos nossos vates e romancistas, quando n'ella residem as mais limpidas fontes da inspiração nacional. Foi o auctor de *D. Branca*, que apontou para ella, como para muitos outros monumentos da nossa nacionalidade esquecida. Foi elle que, depondo o plectro classico e tomando a harpa dos trovadores, rompeu n'esta abjuração das divindades pagãs:

Aureos numens d'Ascreu, ficções risonhas  
Da culta Grecia amavel, crença linda  
De Venus bella, Venus, mãe d'Amores,  
.....  
..... teu culto abjuro;  
Tuas aras profanas renuncio;  
Professei outra fé, sigo outro rito.

Mas o exemplo do illustre poeta não foi seguido com aquella fé e convicção que fundam as verdadeiras escolas e produzem os seus monumentos mais caracteristicos. Por excepção, e mais como exornamento do que como idéa fecunda e germinadora, se vêem aqui e ali, em algumas das produções dos nossos talentos, figurarem essas crenças e superstições populares. A musa que accende os nossos bardos cinge já os donaires e louçanias peninsulares, mas ainda a não inflamma aquelle fogo, ainda a não inspira aquelle sentir e pensar do genio nacional.

O trabalho que vamos aqui emprender tem por fito conseguir esse fim. Já que não podemos atear os animos com o exemplo para que nos sigam, colligiremos tudo de mais pinetresco, de mais inspirador e poetico nas tradições, nas fabulas, nas crenças e lendas d'esta nossa poesia popular, e formaremos uma serie de quadros. A exposição d'estas scenas, onde a nossa existencia se reflecte nos seus mysterios mais intimos e nas fórmulas da sua exterioridade mais caracteristica, ha de accender necessariamente a imaginação da pleiade de talentos que brillam, tanto nas paginas do romance, como nas strophes da poesia.

O resultado da obra, pela nossa parte, não sabemos se completará o desejo, mas valha a intenção d'este, quando aquelle fique áquem do fim proposto.

ANDRADE FERREIRA.

#### BIBLIOGRAPHIA.

O *Seculo XIX*, jornal religioso. — O fanatismo peor inimigo da religião que a impiedade. — Reacção religiosa. — O christianismo em frente da sociedade moderna. — Missão do escriptor religioso, que não pode nem deve ser outra senão a interpretação das verdades christãs que attendam especialmente á dupla natureza, e, por consequente, ao duplo destino do homem. — Como o *Seculo XIX* pôde ser util á nova sociedade. — Interpretação do seu programma.

No fim do mez de novembro escreviáms nós o seguinte:

«Vamos ter um novo jornal, é um jornal religioso. O *Seculo XIX*, redigido pelo sr. D. José d'Almada, antigo redactor do *Catholico*, vai apparecer dentro em pouco.

«Consideramos o fanatismo um inimigo mais cabal da religião do que a propria impiedade. O fanatismo é para a religião o que o hypocrisia é para a virtude, diz Palissot; e o razão é simples. As idéas impias acham natural refutação nas maravilhas esplendidas da natureza animada, nos instinctos sublimes da fé, no senso intimo do espirito reflexivo. Bastou o *Genio do Christianismo* para matar a *Encyclopedica*; bastou a fé de Chateaubriand para se apagarem no seio das turbas as falsas suggestões, os sophismas ridiculamente atheos de Diderot, Helvétius d'Alembert. Mas o fanatismo caminha ajudado da superstição; serve-se das armas que lhe prestam a ignorancia e rudeza dos povos. Entre a religião e a religiosidade, entre a idéa de Deus e o culto preparado pelos homens e para os homens, a crença popular desvairá-se, perdendo muitas vezes de vista a columna de luz que guiou o povo de Israel no deserto, e deixando-se envolver pelas sombras com que os falsos levitas a tentam obscurecer.

«A missão do *Seculo XIX* está em acertar de caminhar por entre estes dois precipicios, sem pender para nenhum

delles. O equilibrio é difficil, e mui principalmente nestas épocas de reacção espiritualista em que as luctas intimas do animo reaccionario, em que a ardencia e intensidade das convicções, nos levam quasi sempre mui alem das metas prescriptas pela razão. Não basta a fé para illustrar os povos nos mysterios do que a religião tem de mais sublime e salutar á sua dupla missão. A idéa da sociedade organizada não pôde ser alheia do ensino das verdades eternas, porque entre essas verdades abstractas e a sua applicação, entre o dogma e o culto, entre o catholico levado ás regiões da revelação e o cidadão prezo aos dominios da sociedade positiva, é que a religião se manifesta na sua mais elevada e benefica influencia debaixo dos effeitos da moral, porque a moral não é outra coisa senão a traducção dos preceitos mais sublimes do evangelho nas praticas da vida commum.

«A religião christã, como diz um grande talento contemporaneo, ensina ao homem que elle tem duas vidas a viver: uma passageira, outra eterna; uma da terra, outra do céu. Mostra-lhe que a sua natureza é dupla como o seu destino; que ha nelle um animal e uma intelligencia, uma alma e um corpo; enfim que elle é o ponto de intersecção, o anel commum das duas cadeas dos seres que abraçam a criação: da serie dos seres materiaes e da serie dos seres incorporeos: a primeira, partindo da pedra para chegar ao homem; e a segunda, partindo do homem para chegar a Deus.

«Vemos, pois, que é a sociedade que deve fazer o bom catholico, e que por este mesmo principio as questões religiosas para se manifestarem em toda a sua excellencia nas diversas condições da existencia humana, não podem deixar de tomar por base as grandes modificações sociaes. Assim o *Seculo XIX*, se quizer que o seu influxo seja efficaç e amplamente util ao dominio das idéas e dos factos, tem, não só de entrar no templo, de abrir o sanctuario dos mysterios de uma religião divina, e derramar o pão do espirito; tem igualmente de folhear o Evangelho no que elle encerra de mais preceptivo para todas as alternativas e necessidades da vida real, de approximar as instituições da sociedade moderna das idéas e formulas religiosas, de as identificar e fecundar, procurando interpretar as tendencias e urgencias do tempo, no que essas tendencias e urgencias prendem com os preceitos e dogmas que nos deixam antever uma existencia de bemaventuranças, tornando-nos esta melhor.

«São estes os intuitos que devem animar o programma do *Seculo XIX*. Só estas aspirações o podem tornar notavel e bem vindo na carreira jornalística, nesta missão incesante, tão poucas vezes gloriosa, e em que muitos espiritos succumbem e poucos triumpham. A tarefa é difficil, como já o dissemos; mas para um espirito já robustecido na discussão das verdades eternas do christianismo, e do que ellas tem influido e até que ponto tem sido uteis nas diversas variantes da marcha dos destinos humanos, o empenho não pode ser duvidoso. O sr. D. José de Almada, deixando a redacção do jornal denominado o *Catholico* e creando outro que intitula o *Seculo XIX*, mostrou querer descer das questões mais espiritualistas da religião, das theses puramente theologicas, a mostrar a excellencia da sua doutrina já tradusida nas praticas do mundo social. Nesta mudança, o illustre escriptor percebeu e contrahiu a obrigação de tractar dos assumptos religiosos segundo as necessidades da sociedade existente, e de interpretar no seio das turbas esse verbo intimo, que todas as eras alimentam, e que poucos espiritos sabem decifrar.»

Effectivamente não nos enganámos. Não foi propheta o que fizemos, por que já contávamos com elementos conhecidos e promettedores. O plano do jornal, o talento do redactor principal e a coadjuvação das luzes e muitas letras dos individuos que eram appresentados como collaboradores, asseguravam um futuro ao *Seculo XIX*, digno de um jornal que tinha uma missão larga mas gloriosa a cumprir.

Por ora ha apenas saídos tres numeros d'esta publicação, destinada a ligar o mais fecundo e preceptivo da religião com as phases mais notaveis da historia, com os dogmas mais elevados da philosophia christã e com muitas das formas que o espirito e a imaginação têm consubstanciado já em monumentos litterarios. A introdução pelo sr. D. José d'Almada, e o artigo sobre *A unidade da raça humana*, chamam logo a attenção do leitor. N'estes dous escriptos ha elevação de idéas philosophicas e esmero litterario. O auctor da *Propheta* desce, n'uma analyse rapida, mas conscienciosa e aprofundada, pelas mais notaveis épocas da historia do christianismo até dar entrada no seculo actual, de cujas aspirações e esperança, de cujas tendencias e necessidades religiosas elle se arvora em apostolo e soldado. O assumpto é digno do talento, cujas divagações pela historia são allumiadas pela luz viva da fé christã.

O artigo do sr. Gomes de Abreu, sobre *A unidade da raça humana*, é uma d'aquellas dissertações profundas, mas no estylo elevado e despertencioso, que reflecte a sublimidade da idéa atravez da singelleza da fórmula. Ao lê-lo, respira-se aquelle perfume de atticismo que só rescendem as vocações criadas e desenvolvidas no tracto intimo dos grandes modellos das letras gregas e latinas.

Este artigo vae ainda em começo, mas já convida a reflexão a seguir-o n'uma das questões mais graves que a sciencia, de accôrdo com a religião, se tem empenhado em prescrutar e resolver.

A entrada do *Seculo XIX* na arena jornalística é auspiciosa; é de presuppor que a sua marcha desempenhe os graves compromissos do programma que o annunciou.

ANDRADE FERREIRA.

#### UMA VIAGEM PELA LITTERATURA CONTEMPORANEA.

(OFFERECIDA AO SR. A. HERCULANO)

L. A. REBELLO DA SILVA.

V

Rebello da Silva, não carecia de escrever os *Fastos da Igreja*, para provar que o seu talento não teme os mais vastos assumptos, nem hesita deante dos mais graves. O seu saber, a sua solida erudicção, estavam já attestados. Os *Fastos da Igreja*, brillam principalmente pelo primor da fórmula. Ali não havia novidade para crear, havia uma colheita a fazer, havia que respigar nas bastas searas em que os Fleury's foram diligentes segadores. A penna casta e sobria que escreve os *Fastos da Igreja*, mostra mais uma aptidão no vario talento de Rebello da Silva. As qualidades severas do historiador estão ali, e estão a par d'ellas as concepções transcendentales do philosopho. Rebello da Silva encára o christianismo, nos seus mais altos representantes. Conhece os imitadores do Divino Mestre, desde Thomaz Kempis até Fr. Thomé de Jesus, e diz como o Apostolo:

*Super hanc Petram edificabo ecclesiam Dei.*

N'essa esplendida pleiade dos seculos brillhantes, dos primeiros seculos da igreja, parte Rebello da Silva, do Martyr dos martyres, do Redemptor da humanidade, que no alto do Golgotha arvorou o estandarte d'uma nova era e d'uma nova civilização. É simultaneamente a historia religiosa e a historia civil, não d'uma ou outra raça, d'um ou d'outro povo, mas d'uma congregação fraternal e imensa, que abraça as nações, e d'entre as mãos de Constantino sae n'um periodo glorioso, como das catacumbas de Roma, saíra a mais poderosa confissão de fé, que ainda foi dada em espectáculo ao mundo. A vista larga e perspicaz de Rebello da Silva abrange do alto d'um genio essencialmente synthetico todas as peripecias d'este grande drama, todas as phases d'esta vastissima historia. O trabalho do collector é realçado pelo talento que maneja a lingua, provando-a obediente ás ricas phantasias do estylista, e imprime o cunho da sua brillante individualidade nas mais austeras tarefas.

Os *Fastos da Igreja*, constituem o que se chama um livro serio, e os que tratam de resto o romance, por não poderem avaliar n'elle o extracto e a essencia, por que assim digamos, de longas fadigas, acharão na gravidade d'esta obra um documento que deve contentar o mais severo paladar. Aqui os caprichos da imaginação não disfarçam o solemne aspecto do fundo, nem deixam transviar os juizos dos que só vêem a superficie.

Na qualidade de critico, Rebello da Silva, tem como em tudo mais titulos superiores e incontestaveis á consideração publica nas letras patrias. O seu lugar está marcado por obras d'um merecimento geralmente reconhecido, e em que a copia de boa lição se allia á sagacidade e fino espirito de observação. Citaremos entre os seus numerosos trabalhos, tres, que nos parecem capitaes: a *Memoria sobre Elmano*, Manuel Maria Barbosa do Buceage, a analyse sobre os dous poetas contemporaneos, Mendes Leal e João de Lemos, com a apreciação da indole e influencia d'estes brillhantes talentos, e a preciosa afferição dos *Poetas da Arcadia*. Trabalhos de longo estudo em que não só a espirituosa facundia de Rebello da Silva, se exerce poderosamente, mas ainda os seus dotes de escriptor se revelam com brillante esplendor. Rebello da Silva analysou com subtil criterio, compulso com mão diligente, dissectou como habil anatomico esta opulenta collecção. Qualificou os caracteres, separou os typos, marcou as individualidades como o sabem fazer os mestres. Não observou só o que era nosso, comparou-o com o melhor dos estranhos, e á luz da sua critica illustrada, a palma da victoria ficou muitas vezes á musa patria. Deve-lhe esta gloria o paiz, e é força confessar que lhe deve immenso.

Na *Memoria sobre Buceage* nenhum lineamento d'aquelle grande e fogoso vulto poetico, escapou á subtilidade do seu escarpello, e á profunda perspicacia do seu estudo. Nos outros dous trabalhos manifestam-se as mesmas qualidades senão com minuciosidade e esmero igual, certo com igual elevação. N'este difficil genero Rebello da Silva, iguala Geoffroy, na observação paciente e na riqueza erudita, excedendo-o muito na opulencia do estylo, e deixa atraz de si frequentemente Gustave Planche e Sainte-Beuve. Estes trabalhos sam documentos preciosos para a nossa historia litteraria, e nenhum tem assentado n'este genero mais solidos fundamentos do que Rebello da Silva.

No journalismo soube tambem conquistar um dos primeiros lugares, tornando a sua penna uma das mais notaveis e temidas da imprensa periodica. Cerrado e logico na polemica, vigoroso na aggressão, implacavel na diatribe, envolve, subjuga e desarma o adversario, que debalde procura retorquir golpes iguaes aos que recebe sem poder vital-os.

Rebello da Silva, se alguma vez sacrificou o seu po-

deroso talento aos reptos de pessoas, tem exuberantemente provado que é para mais do que para essas questões e verrinas, de que vivem quasi absolutamente os jornaes n'este paiz, gastando diariamente columnas e mais columnas a discutir o merito e capacidade de certos individuos, parecendo-lhes que o destino de Portugal, e quem sabe se o equilibrio politico de Europa, está na resolução d'aquelle problema, que é sempre o mesmo, e que se reduz a provar se este é tolo, ou velhaco, se aquelle é concussionario ou traficante, problema que se renova todas as vezes que aperta a necessidade de encher a folha, sem estudar questões, que os obrigaríam a folhear os livros, e rematando afinal por cada qual se julgar um talento transcendente, o unico capaz de mudar a face da nação, passando não poucas vezes tambem, uns aos outros diplomas de insignificancia e nullidade. É por esta razão que hoje se inventa um jornalista, com a mesma facilidade com que se inventou um caminho de ferro: e de um dia por o outro qualquer aventureiro se transforma em personagem politico, embocando, como quem emboca um copo de cognac, uma das trombetas da opinião publica, e atroando-nos os ouvidos de musicas desafinadas, como a cabeça de quem as compoz. Regra geral; n'esta abençoada terra quem não tem que fazer, nem a que aspirar, resolve uma bella manhã ser jornalista, e se não sae como Diogenes de dentro da pipa, tem quasi toda a impudencia e nenhuma das qualidades do filosofo grego.

Ha ainda uma outra especie de jornalista, a que poderemos chamar «jornalistas de trimestre.» São certos nomes que apparecem na imprensa accusando e fustigando diariamente um ministro, e que de repente se eclipsam. O motivo do eclipse, foi este; aspiravam a um logar, o ministro não os despachava, e ao requerimento que podia esquecer no bolso ou na pasta, substituem aquelle, que repetem sempre, até que o ministro cansado de o ler, assigna-lhe o despacho. Conseguido o fim, desapareceu o escriptor mordaz e independente!

Mas a nossa intenção não é escrever a physiologia do jornalista. Façamos por tanto aqui alto a esta excursão para entrarmos no trilho seguido. Acrescentaremos só que dividida como se acha a tribu em tantas classes, a mais rara e diminuta é sem contradicção a d'aquelles que defendem uma crença arreigada, e vêem na imprensa um sacerdocio, e não uma especulação, mas ainda os ha, e nós conhecêmo-los.

Rebello da Silva, como iamoz dizendo, antes de nos desencaminharmos do itinerario marcado, não reduzio o tirocinio jornalístico a estas polemicas e contendas individuais, entrou nas mais graves e complicadas questões de economia e administração, achando por competidores unicos e dignos d'elle, Alexandre Herculano, Antonio de Serpa, Mendes Leal e Carlos Bento da Silva. Desgraçadamente na historia do nosso jornalismo a polemica é mais abundante que a doutrina, e é sabido o pendôr d'aquella em prejuizo d'esta. Rebello da Silva, compraz-se no retrato burlesco, com que muita vez sepulta o adversario; mas repete demasiadamente este recurso inferior aos poderes do seu talento. Quando quer sabe elevar-se a esferas mais altas e manter-se n'ellas com a superioridade, que em todos os seus escriptos manifesta.

O theatro de Rebello da Silva, limita-se até agora a algumas traducções livres e esmeradas, como a *Honra e dinheiro*, de Ponsard, o *Angelo* de Victor Hugo, o *Gusmão o Bravo*, de Méry, e a *Fada*, d'Octava Feuillet, nomes estes d'escriptores, que exigiam um interprete na sua altura: acharam-o. A versão d'estas obras, duas das quaes são em verso no original, não desdizem dos seus auctores. A phrase poetica e a imagem arrojada de Victor Hugo, foram reveladas com igual esplendor; os versos de Ponsard com a mesma valentia; os paradoxos de Méry, com pompa equivalente; o estylo de Feuillet, com uma elegancia rival. Soube conservar-lhe as diferentes individualidades, tornando-as portuguezas.

Depois de escolher entre as obras primas do theatro moderno, vai procurar o verdadeiro ascendente d'elle, o immortal Shakspeare, e pôz o remate a estas tentativas, investindo com a difficil interpretação do *Othello*, d'uma das mais altas creações do fogoso poeta. Ha numerosas versões do *Othello*; ha a do classico o sensabor Ducis, que em vez de traduzir Shakspeare, houve todo o seu empenho em aplinal-o; ha a de Alfredo de Vigny, feita com esmero litterario, mas talvez com uma fidelidade servil. Rebello da Silva, mais audaz traduzio o rapto sublime sem se prender no culto vulgar da phrase. Não verteu: fez mais; implantou.

Os incessantes trabalhos litterarios de Rebello de Silva, não o impediram de exercer outros cargos, desempenhando-os com a aptidão e regularidade, que o caracteriza, e a que deve essa fertilidade pasmosa, que lhe admiramos, lendo o seu nome em quasi todos os jornaes, e alagando-os, segundo a phrase jornalística, de variados e numerosos escriptos. Methodico como um mathematico, o tempo é por elle regularmente dividido e aproveitado: só neste ponto mostrou queda para as sciencias exactas. Independente pela fortuna, vive socegado e tranquillo, sem que o menor contratempo possa vil-o distrahir da sua meditação, nem privar-o de consagrar exclusivamente á cultura das letras, as horas que lhe destinou.

Nomeado official ordinario do conselho d'estado em 1845, pelo seu alto merecimento, obteve, sem o pedir, ser elevado a secretario interino do mesmo conselho em 1849, de que se dimittiu em dezembro do mesmo anno, não por

se achar em dissidencia com o gabinete do duque de Saldanha, mas porque julgaria rebaixar a defeza e ao mesmo tempo o seu character, appoando o governo á sombra de um emprego de confiança. Eleito socio do Conservatorio em 1845, foi chamado a exercer o cargo de fiscal do theatro de D. Maria II, em 1846, onde prestou bastantes serviços, sendo a unica nomeação acertada e legal que se tem feito para dirigir aquelle estabelecimento, pois só deve estar collocado á sua frente um homem de letras. Pedio a demissão d'este cargo em maio de 1846. Deputado ás legislaturas de 1848 e 1851, o effeito que produziu na camara, já tentámos explical-o. Finalmente em 1854 foi nomeado socio da Academia Real das Sciencias; nomeação das mais justificadas e applaudidas na nossa litteratura, não havendo uma unica voz a negar-lhe aquelle direito e recompensa, que tinha legitimamente conquistado.

Rebello da Silva, honra-se de não ter pedido, nem accettato mesmo um habito de Christo! Neste ponto o seu orgulho consiste em ser exceptuado d'essa chuva de fitas de todas as côres, que de graça, ou por conta corrente poucas fardas e casacas tem deixado limpas. Tambem não é conselheiro; e esperamos que até ao fim se isempte d'esta alcunha deploravel, que pela diffusão, se tornou quasi uma offensa para os homens, que valem por si, e não pelos diplomas regios.

20 de Fevereiro de 1856.

ERNESTO BIESTER.

CHRONICA SEMANAL.

Nunca o folhetim esteve tanto em voga como actualmente, todos os escrevem, e nas columnas da *Patria*, temos visto apparecer á frente da phalange, os primeiros nomes litterarios da nova geração. O romance, a satyra e a critica, apparecem ali simultaneamente todas as semanas. Mendes Leal, concluiu o seu bello episodio do *Forte de S. Jorge*, uma das mais esmeradas composições do distincto escriptor, alliando á elegancia do estylo e pittoresco da descripção, tal correcção de forma, que prova uma perfeição cada vez maior no estudo e emprego da lingua. Distingue-se ali ao mesmo tempo uma grande abundancia de rasgos característicos da epoca, demonstrando que o author compulsou, com attenção profunda e erudicção verdadeira, a rica veia dos estudos historicos, fazendo reviver uma epoca, n'essas regiões colonias, para a qual não se havia ainda voltado a investigação dos nossos historiadores. Acção, interesse, peripecias, situações dramaticas e muitas novas, tornam um trabalho esplendido aquelle accessorio, que deixa bem ver, qual será o valor do quadro completo, por que o *Forte de S. Jorge*, é como acima dizemos, apenas fragmento de obra muito mais vasta. Antonio de Serpa, publica as *Memorias Extemporaneas*, e nos capitulos, ou antes no segundo capitulo, fustiga e flagella pela satyra e pelo ridiculo, as diferentes caricaturas e miserias, que singularizam esta epoca. Brilha nos toques rapidos que ferem direitos o alvo. As *Memorias Extemporaneas*, em começo de publicação por ora devem apenas contar-se como uma promessa; mas é fiador d'ella, o nome do author, que tanto se tem distinguido na satyra politica. Lopes de Mendonça, continúa as suas analyses litterarias. Na apreciação de José Agostinho de Macedo, cegou-o um pouco a paixão e fôra para desejar, que tivesse examinado mais detidamente os numerosos trabalhos do author das *Pateadas*, cujos defeitos eram mais do seu tempo, que do seu espirito, e cujo talento podia subir a todas as alturas. Os estudos criticos de Andrade Ferreira, publicados no mesmo jornal, attingem ás vezes os primores de forma dos nossos melhores escriptores e vê-se que n'elles tem dado uma attenção seria para as artes scenicas. Outro folhetinista apparece tambem na mesma folha, de rosto coberto, mas coberto de um véu que o seu fino talento, torna em demasia transparente. Não ha tempestades n'aquella nuvem, posto que ás vezes despeça fortes aguaceiros. Nós que já nos sentimos alagados, nem por isso levámos a mal a applicação hydropathica (sem allusão esculapina) nem abrimos chapéu de chuva, por que a tomámos como orvalho de Maio que dizem augmentar a formosura e apparecemos aqui muito enchutos para celebrar o proprio accidente que nos fez um pouco victimas. O atticismo do folhetinista, que julgaremos filho de Julio Janin, para lhe respeitarmos o voluntario incognito, é tão cortex e urbano, que se lhe perdôa a dôr que produz, mesmo quando salga a ferida que abre, com mão habil e habituada ao bisturi.

Tínhamos annuciado na ultima chronica a proxima representação das *Borrascas do coração*, drama tragico, traduzido do hespanhol, que effectivamente subiu á scena na quarta feira. Os camarotes estavam desertos e a platéa pouco concorrida. Reinava o maior silencio e podêmos ouvir attentamente a producção do poeta Rubi tão festejada pela nação visinha. Diremos portanto a nossa opinião singela e franca sobre a peça. As *Borrascas do Coração*, é um drama pertencente ainda á escola ultra-romantica, devendo o realce e valor que tem no original aos bellos versos de que está matizado, e em que o auctor fundou o effeito principal. Os bellos trechos lyricos que ali se observam, compensam a pouca acção e falta de interesse que a obra tem. É quasi geral ser limitado o enredo das peças em verso, o que muito as prejudica reduzidas a prosa. Perdem todas as gallas que as enfeitavam,

e ficam uma sombra do que eram. Fôí o que aconteceu ás *Borrascas do Coração*, e o que aconteceria á *Philiberte*, á *Gabrielle*, e a muita comedia do repertorio francez que brilham pela mesma qualidade.

Logo no primeiro acto se advinha a intriga toda do drama, profetisando-se-lhe um final tragico. A condessa de Santa Martha (a mulher das *borrascas*) morre de amores pelo marquez de Vellez, soldado valente, cujas façanhas, espirito e gentileza lhe captivaram e exaltaram o coração a ponto de a sepultarem n'uma tristeza que lhe vai gastando pouco a pouco a vida. Sem esperança nem futuro para este amor, por se achar casada com o conde de Santa Martha, ancião respeitavel que estremece profundamente sua mulher, vê-se obrigada a callar esta paixão que a dilacera. O marquez de Vellez, ama tambem em silencio a condessa, tornando-se por esta razão reciprocas as *borrascas*. Esta lucta dolorosa e intima dura dous actos, até que a final revelam-se um ao outro no terceiro, revelando tambem a um terceiro (o marido) este segredo, que a sua indiscripção levou a escutar a uma porta. No quarto acto renova-se e complica-se a situação. A condessa delirante confessa ao marquez o affecto profundo que lhe consagra, o marido surprehende-os outra vez, tendo a prudencia e o sangue frio inaudito de se occultar para ouvir tudo até ao fim, e apparecendo depois para vingar a sua honra no sangue do homem que lh'a maculou. Cruzam-se as espadas, ouve-se um grito, acode a irmã da condessa e manda suspender o combate. As *borrascas* tinham acabado, fazendo uma victima.

Os personagens deste drama parecem mais visões do que outra coisa. A phantasia do escriptor idealizou quasi todas as figuras, e privou-as d'aquella verdade que é hoje uma das qualidades mais apreciadas no theatro. Ha ali um reflexo das obras dramaticas de Victor Hugo e denuncia como estas, a imaginação exaltada do poeta. Quanto ao desempenho não foi dos mais felizes; via-se que os actores estavam contrafeitos nos papeis e esmorecidos em frente d'uma sala deserta.

Brevemente ouviremos no theatro francez a *Joconde*, drama que vai no beneficio de mr. Pescheux, e que tem agradado muito em Paris.

O sr. Lacerda, auctor dos *Dois mundos*, consta-nos ter escripto ultimamente a continuação desta comedia, que tanto exito teve no Gymnasio.

ERNESTO BIESTER.

REVISTA POLITICA.

A esta cathogoria de congressos pacificos, e por assim dizer preventivos, pertence a quadrupla alliança em 1840, que pôz a França fóra do accordo europeu; bem como as conferencias de Vienna que inutilmente por duas vezes tentaram impedir e depois sustar a guerra do oriente, negociando infructuosamente desde 1853 até 1855.

Os antigos congressos politicos celebravam-se de preferencia no territorio de uma potencia neutral ou mediadora, escolhendo-se communmente para sede das sessões uma cidade de importancia secundaria, afim de evitar a pressão ou pelo menos a influencia que poderia exercer a visinhança das cortes e das grandes capitais; assim se explica a razão de serem preferidas ás residencias de soberanos cidades de segunda e terceira ordem, taes como Nimegue, Rastadt, Cambray.

A politica europea, designando Paris assento do congresso que vai reunir-se, derogou as antigas tradições da diplomacia. No começo indicou-se Vienna d'Austria; porem, a escolha de Paris prevaleceu nos conselhos das grandes potencias: é uma grande victoria moral ganha pela França; é a compensação da importancia que em 1840 perdera. Este resultado imprevisito em certo modo, cumpre attribui-lo ao progresso da politica franca e elevada, que consiste em tomar por apoio os interesses geraes da civilização, em vez dos interesses rivais das dynastias ou das nacionalidades, a base e não o vertice da pyramide.

A antiga diplomacia era uma sciencia occulta de que sómente alguns iniciados tinham a chave, e que regia os destinos dos estados sem participação dos povos; a politica do futuro tende a manifestar-se claramente: os soberanos conhecem cada vez mais a necessidade de appellar para o espirito que anima a geração presente. Os manifestos, as notas diplomaticas, as circulares confidenciaes, tudo afinal se publica, ainda mesmo em os estados onde as liberdades constitucionaes estão suspensas ou addiadas; n'uma palavra e segundo a feliz expressão de M. Drouyn de Lhuys é da Europa constituída em jury que depende a solução dos grandes problemas politicos; e em Paris vão abrir-se agora essas solennes audiencias europeas.

O discurso da rainha de Inglaterra na abertura do parlamento foi neste anno tão breve quanto o exigia a necessidade da reserva que dictavam as proximas conferencias sobre a paz. O conde Derby (o antigo ministro lord Stanley) não obstante prometter ao governo, na camara dos lords, em seu nome e de seus amigos politicos, não empoeçar com discursos ou pedidos extemporaneos a obra do congresso e as gestões dos gabinetes, indicou comtudo o muito que deixava a desejar sobre varias questões a falla do throno. A situação da India britannica, a queda da praça de Kars, as complicações diplomaticas ainda não applanadas entre a Inglaterra e os Estados Unidos, a alliança com a Sardenha, eram assumptos que no entender

«Aquelle estadista mereciam sequer menção summaria no discurso da abertura do parlamento.

Respondendo ao conde Derby, o ministro dos negocios estrangeiros, lord Clarendon, restringio-se especialmente a expôr os passos dados pela Austria para conseguir que de novo se entabolassem as negociações; e sem explicar-se sobre a delicada materia que respeita ao armisticio, exprimiu a convicção em que está de que será de curto prazo. Lord Clarendon tributou homenagem ao valor moral de que deu prova o imperador Alexandre II, accetando as condições de paz formuladas em nome das potencias occidentaes, declarando que se este monarcha perseverar nas boas intenções que manifestou na accettazione, prestes resultará d'ellas a paz estavel e decorosa. Accrescentou lord Clarendon com deliberada intenção (e cumpre attender a estas expressões) que «esta paz honrosa para nós deve tambem sê-lo para a Russia, porque sómente assim poderá ser duradoura.»

Lord Palmerston, na camara dos commons, expendeu as mesmas ideias do seu collega que fallou na camara alta, dizendo que em as negociações o governo, sem abandonar os seus principios que tem constantemente sustentado, se mostrará possuido do verdadeiro espirito conciliatorio.

A paz honrosa para ambos partidos é, pois, o programma do governo inglez; e ha sobejos motivos de acreditar que igualmente pensa o ministerio de França. Ao cabo de dous annos de guerra, viu-se a Russia obrigada a pedir a paz, porém não a implorá-la; esta potencia não ha duvida que foi vencida, porém não humilhada a entregar-se á discricção. Aproveitou o ensejo favoravel, a ultima occasião talvez para ceder ao ascendente de uma força irresistivel, mostrando, comtudo, apparencias de obedecer a um sentimento superior de equidade e á pressão moral da Europa. O tempo e o andamento até final resultado das conferencias darão o desengano quanto á sinceridade, bons desejos, ou arditos argucias, com que as negociações são promovidas e entabolas.

As diffidencias entre o governo britannico e o dos Estados-Unidos tem sido afiguradas com feias côres, até por algumas folhas inglezas conforme o impulso das paixões dos escriptores. Ainda ha poucos dias a baixa que soffreram os consolidados inglezes, descida rapida de nada menos de dous por cento, foi annunciada por alguns como filha daquella desintelligencia; a qual tomara graves proporções, sendo certo o boato que se propagou de que o ministro da rainha Victoria se havia retirado do seu posto em Washington, caso equivalente a uma declaração de guerra. Comtudo, as informações mais recentes fazem constar que a citada baixa dos fundos só teve por origem o emprestimo de 500 milhões, aberto pelo governo inglez para effectuar a capitalisação dos bilhetes do thesouro. Não obstante as apprehensões do *Morning-Post*, dizem as folhas mais auctorizadas que está em bons termos de composição amigavel a pendencia dos norte-americanos com os inglezes.

O paquete inglez recém-chegado não nos apresenta noticias de vulto. Os plenipotenciarios das nações que são representadas nas conferencias de Paris acham-se já quasi todos nesta capital, e segundo as mais fundamentadas presumpções inaugurar-se-iam as mesmas conferencias antes do fim do corrente fevereiro. No entanto não cessam de parte a parte entre os contendores os preparativos para a guerra. Será a consciencia de que as negociações diplomaticas não produzirão resultado pacifico? Ou será por obediencia ao preceito — se queres paz, não deixes de preparar-te para a guerra? A primavera offerecerá brevemente a resolução do problema.

A visinha Hespanha continúa a ouvir os palavrosos debates do seu congresso. Uma circular do ministro da justiça aos prelados do reino dá todos os indícios de proxima reconciliação do governo hespanhol com a corte pontificia.

M.

## BOMBEAMENTO E TOMADA DE KINBURN. (1)

Indicámos a pag. 29 d'este jornal a posição de Kinburn; agora não poderemos explicar melhor a estampa do que o proprio desenhador, que diz assim n'uma carta ao director da *Illustração* franceza.

(1) Vid. a pag. 57.

«A bordo da nau Montebello 4 de dezembro. A benevolencia com que tendes acolhido desde o começo da guerra os meus desenhos relativos ás nossas operações na Crimea e no Mar Negro me affoita a dirigir-vos o presente esboço, que só tem o merecimento de ser tirado na propria localidade e durante o combate. Representa as diversas posições da esquadra alliada no dia 17 de outubro de 1855 em frente dos fortes de Kinburn, e o bombardeamento que se tornou geral pela uma hora da tarde. Este feito d'armas com que as nossas esquadras fecharam victoriosamente a campanha do anno passado, é hoje bem conhecido.

«A nau almirante franceza *Montebello* está pela pòpa da nau almirante ingleza *Royal Albert*, ambas no centro da linha; as tres baterias fluctuantes, *Devastation*, *Lave*, e *Tonnant* appresentam sobre a direita o seu formidavel flanco á frente principal das defezas do inimigo. A linha das fragatas a vapor bate as obras casamatadas do pontal de noroeste, ao mesmo tempo que a nau ingleza *Hannibal*, com o signal do contra-almirante Stewart tem avançado até a meio da barra de Otchakoff. Divisam-se na bahia de Kherson á esquerda as fragatas *Labrador*, *Cacique* e *Sané* e á direita as canhoneiras francezas e inglezas que enfiam com seus tiros de coxia as baterias inimigas.



Ilhas dos Açores. — Igreja de Santa Cruz.

«Lavra o incendio no interior da fortaleza. Todos calculam a hora mais proxima em que a praça não poderá prolongar por mais tempo a sua desesperada resistencia. — H. Rouland.

M.

## MODAS.

Disse no seculo passado um author muito judicioso, o Padre Fr. Bento Feijo — «França é o movel das modas; da França o é Paris, e de Paris um francez ou uma franceza, aquelle ou aquella a quem primeiro lembrou a nova invenção: rara traça (e sem duvida mais effiz do que ess'outra de que se jactava Archimedes) para que um particular movesse toda a terra.» — Se já isto acontecia ha mais de cento e vinte annos, nos nossos dias tem refinado e chegado ao seu apogeo a mania da imitação franceza, em tudo, quanto mais nos trajos; até na Inglaterra, renitente a uzos estrangeiros, vemos implantado o mesmo achaque; pelo menos os seus jornaes tambem copiam os figurinos francezes, e para prova ahi vão os mais modernos, tomados da *Illustração* de Londres com as seguintes indicações.

1. Enfeite de cabeça, de narciso azul, com uma grinalda em volta da trança, que passando por detraz do pente, forma duas pontas caíndo sobre os hombros, como em a cabeça, vista de lado; na outra vista de frente a disposição é semelhante com outras flores, e indica o modo por que os ramos da grinalda pendem para os lados das faces. Chapeu de veludo, guarnecido da côr do chapeu, fôsas singelas dos lados com algumas folhas verdes.

2. Mantelete de veludo preto com duas ordens de rendas, a inferior do dobro da largura da outra; a guarnição é de renda de seda de côr escura com grandes recortes.

Cabeção de renda de seda, ponto de Veneza; estes cabeções são largos, não se trazem soltos, mas assentes sobre o vestido, e pregados adiante com um broche.

3. Chapeu de veludo castanho escuro com ramos de

flores; a borda do *passé* de *blonde* branca, e por baixo *tulle illusion* guarnecido com *blonde* branca e flores proporcionadas. — Vestido de Pekin azul com um *camizú* singello e sobre elle tres farchas de veludo preto, e por baixo uma rede guarnecida de *petits pois detachés*; o *corsage* com a mesma guarnição; as mangas com dous folhos descendo do cotovello.

M.

## INVENTO UTIL.

Segundo se lê na *correspondenza scientifica* jornal italiano, o sr. Telmi, professor do collegio nacional de Turim inventou uma pilha de força constante, cuja construcção se funda em um principio novo, e que maravilhosamente se presta ás applicações industriaes. Assevera o auctor que é simples e de pouco custo esta pilha; que não exhala gaz prejudicial, que é muito mais energica que a de Daniel, e talvez não inferior em intensidade ás de Bunzen, e de Greve, o que a torna de grande utilidade para a industria; e que além disto funciona com productos chimicos muito baratos; não custando nada a corrente empregada em produzir a luz electrica.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA. — LIVRARIA, RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Publicou-se o 8.º n.º do 13.º vol., 5.º da presente serie.

A REDEMPÇÃO, comedia-drama em 3 actos, por Ernesto Biester, precedido de um prologo por J. M. da Silva Mendes Leal Junior. Preço . . . . . 360

DOIS CASAMENTOS DE CONVENIENCIA, comedia em 3 actos por Luiz Augusto Palmeirim . . . . . 400

UMA VIAGEM A INGLATERRA, BELGICA E FRANÇA, por José Mesquita da Roza 200  
POESIAS, de M. M. Barbosa de Boage, edição completa em 6 volumes de 8.º fr. . . . . 4\$320

NATUREZA DAS COISAS, poema de T. Lucrecio Caro, trad. do Dr. Lima Leitão. 2 vol. 8.º br. . . . . 800

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, por L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. br. . . . . 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja* do mesmo auctor.

POESIAS, de L. A. Palmeirim. 2.ª edição augmentada. 1 vol. 8.º fr. br. . . . . 600

OS HOMENS DE MARMORE, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior. 1 vol. 8.º fr. . . . . 480

O HOMEM DE OURO, drama em 3 actos (continuação do antecedente pelo dito, 1 vol. 8.º fr. . . . . 300

A HERANÇA DO CHANCELLER, comedia em 3 actos, e em verso, pelo dito. 1 vol. 8.º fr. br. . . . . 400

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira. 1 vol. 8.º fr. . . . . 200

ADDIÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas. 1 vol. 8.º fr. . . . . 200

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, por A. P. Lopes de Mendonça. 1. vol. 8.º fr. br. . . . . 720

MEDICINA LEGAL, por Sedillot; traducção do Dr. Lima Leitão. 2.ª edição. 2 vol. 8.º fr. . . . . 1\$200

A CRUZ, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos 1 vol. 8.º fr. . . . . 320

UM QUADRO DA VIDA, drama em 5 actos, por Ernesto Biester. 1 vol. 8.º fr. br. . . . . 480

OTHELO, OU O MOURO DE VENEZA, tragedia em 5 actos. Imitação por L. A. Rebello da Silva. 1 vol. 8.º fr. 300

No prelo:

COLLECÇÃO DE POESIAS, de J. da Silva Mendes Leal Junior. 1 vol. 8.º fr.

DALILA, drama em 4 actos e 6 quadros. Imitação da obra do mesmo titulo de Octave Feuillet; por Antonio de Serpa.

Estas obras e todas as mais do Editor, acham-se á venda em casa dos srs. correspondentes da ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.

Typ. DO PANORAMA — Travessa da Victoria, 52.